

## Conjunções

Esta edição da *Tusaaji* nasceu no Congresso Internacional do Centro de Pesquisa em Língua e Contato Cultural, em Toronto, sediado pelo Glendon College, na Universidade de York, em novembro de 2016. Oriundos de diversas práticas e campos do conhecimento, os ensaios selecionados para esta edição versam sobre tradução e pluralidade linguística, ao mesmo tempo que fornecem novas perspectivas para estudo da tradução na sociedade contemporânea. Os textos têm em comum o olhar voltado para a interseção entre língua e política e para a forma como a tradução e tecnologias análogas de negociação cultural são empregadas no que Emily Apter nomeia “zonas de tradução”, isto é, “locais de conflito linguístico” aos quais “um subconjunto de políticas com agendas específicas e interesses estratégicos” se sobrepõem (129).

A *Tusaaji 5* se inicia com o trabalho de **Mark Fettes** sobre as questões relativas às línguas indígenas na Comissão de Verdade e Reconciliação do Canadá; o autor destaca a ausência de análises sobre a relação entre língua e território no discurso ocidental relativos aos direitos à língua, argumentando que a verdadeira reconciliação solicita que se repensem as políticas linguísticas nessa perspectiva. Em seguida, **Lyse Hébert** problematiza a base exclusivamente bilíngue da política de tradução no Canadá, defendendo uma política linguística e de tradução que nomeia “pós-bilíngue. Na sequência, em seu ensaio sobre pedagogia crítica no ensino de línguas, **Dunja Baus** e **Paola Bohórquez** discutem suas experiências com o uso da tradução em aulas de escrita acadêmica de língua inglesa como forma de acessar as competências multilíngues e multidialetais de suas alunas. **Ellen Elias-Bursac** apresenta, em seguida, o caso de Radovan Karadžić, que decidiu fazer a própria defesa no julgamento de crimes de guerra no Tribunal Penal Internacional da antiga Iugoslávia; a autora descreve os desentendimentos entre Karadžić e as profissionais de língua designadas para o julgamento, bem como sua interação complicada com as intérpretes. **Susan Ingram**, por sua vez, focaliza a figura da intelectual Anna / Asja Lācis, explorando o multilinguismo em sua relação com “a multiplicidade da subjetividade”; a autora opta por uma abordagem ecosófia que se concentra na especificidade linguística como modalidade do ambiente, nas relações sociais e na subjetividade, evidenciando que uma figura como Lācis, cuja história se desenvolve em diversas línguas, só pode ser estudada multilinguamente. Por fim, recorrendo à pesquisa contemporânea no campo da ecolinguística, teoria do afeto e estudos de ciência e tecnologia, **Elena Basile** discute a relação entre o uso da língua e a constituição de lugar na exposição *Transitions in Progress. Making Space for Place* (2015), um projeto artístico desenvolvido como um experimento em mapeamento afetivo em uma artéria da cidade de Toronto.

O congresso interdisciplinar em que os trabalhos se originaram reuniu diferentes áreas. Apesar da diversidade de escopos, modelos e metodologias, esses trabalhos exibem, em sua totalidade, um compromisso em abordar a língua como experiência vivida e como um lugar de tensionamentos sociais e interesses em disputa, cujo estudo pode expandir nossa compreensão das complexas redes de relações sociais. Todas as autoras e autores sublinham a importância de situarmos a linguagem no centro das análises políticas bem como de recortar e estudar tais relações de forma multilíngue.

### **Referências**

Apter, Emily. *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton University Press, 2006.